

# ENTRE O INTERACIONALISMO SIMBÓLICO E A SOCIOLOGIA COMPREENSIVA

BETWEEN SYMBOLIC INTERATIONALISM AND COMPREHENSIVE SOCIOLOGY

Marcelo Bolshaw Gomes<sup>1</sup>  
<http://orcid.org/0000-0002-8227-3672>



NIZET, Jean; RIGAUX, Natalie. **A Sociologia de Erving Goffman**. Tradução Ana Cristina Arantes Nasser. Petrópolis: Vozes, 2016. (Coleção Sociologia: pontos de referência).

## A INTERAÇÃO TEATRAL

Erving Goffman é um analista das interações, do que acontece quando duas ou mais pessoas se encontram face a face. “Inter-ação” é uma relação mútua e recíproca entre o Eu e o Outro (dentro de mim). Respeitar o outro assim como a si mesmo implica amor próprio e consideração, em porte e deferência. Há também uma audiência, um público, os olhares que apenas observam a ação dentro do jogo das interações. E, havendo público, há também o palco e os bastidores; o espaço de exposição e os locais de recolhimento.

O palco é composto de quatro elementos: a) expressões explícitas (comunicação verbal), b) expressões indiretas (gestos, faces, posturas corporais), c) objetos (figurino, acessórios) e d) cenário (representando os contextos). Há dois níveis de representação da interação. O primeiro é o imediato: um professor e seus alunos – por exemplo. No segundo nível, representa-se o conjunto dos professores diante da juventude. O segundo nível de representação é a própria realidade social simbolizada no interior da interação.

<sup>1</sup> Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e Professor do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (PPGEM) dessa mesma universidade. Email: marcelobolshaw@gmail.com

Por exemplo: em uma conferência intitulada “A conferência”, na Universidade de Michigan em 1976 (publicada depois em *Forms of Talk*), Goffman analisa as interações da situação, concluindo que, no final das contas, o conferencista e o público produzem uma realidade externa sobre a qual tecem considerações (Nizet e Rigaux, 2016, p. 61). Outra distinção chave é entre o palco (a visibilidade pública) e os bastidores (muitas vezes comparado ao inconsciente). A dicotomia é vista de forma semelhante ao par figura/fundo da teoria da imagem da Gestalt. O fundo é tudo o que está fora de foco. A figura é o foco da percepção.

A análise de Goffman contempla várias nuances: o controle das impressões (do público pelos atores) substituindo a realidade; a nota falsa (quando há uma ruptura na representação entre os atores e/ou o público ou na representação entre o que a figura diz e o que o fundo mostra); e as trocas reparadoras, necessárias para corrigir as rupturas representacionais. Além das noções de ator, cenário e papéis, Goffman analisa as interações por meio de noções e conceitos singulares.

Por exemplo, a noção de equipe (ator coletivo que conduz uma representação) diz respeito às situações em que um conjunto de pessoas estabelece uma cumplicidade, escondendo elementos negativos ou desnecessários do público. Toda equipe é uma “sociedade secreta”, em que a imagem de unidade esconde divergências e atritos. Ou ainda, a noção de envolvimento, a atenção afetiva em relação à interação e aos seus elementos. Há o envolvimento na conversação, o envolvimento nas ocasiões sociais, o envolvimento nas ocasiões públicas não focalizadas.

O Estigma é um conceito diferencial nas interações sociais, uma marca simbólica que desqualifica a identidade de seu portador nas relações imediatas. Ser negro ou mestiço, deficiente físico ou mental, mulher, homossexual, estrangeiro, obeso, doente ou divorciado são os estigmas mais recorrentes. Os estigmas afetam principalmente a área chamada de “fachada pessoal do indivíduo” e tem como efeito principal “desacreditar” seus portadores. Goffman estuda as estratégias dos estigmatizados, seja se adaptando individualmente, seja formando comunidades, com outros que partilham do mesmo estigma, buscando a aceitação social do seu grupo, mas, na verdade, reafirmando a diferença que tentam reduzir.

Outro conceito marcante é o de “instituições totais” – desenvolvido no livro *Manicômios, prisões e conventos*:

[...] um lugar de residência e de trabalho, onde um grande número de indivíduos, colocados em uma mesma situação, afastados do mundo exterior por um período relativamente longo, levam conjuntamente uma vida reclusa, cujas modalidades são explícita e rigorosamente regradas (Goffman *apud* Nizet e Rigaux, 2016, p. 75).

Infelizmente, Nizet e Rigaux não compreendem a afirmação de Goffman de que “a loucura é a incapacidade de se orientar pelas regras sociais” (que interpreta como sociologismo), como também do papel das instituições totais na modernidade – pontos que aproximam o estadunidense ao pensamento de Michel Foucault, em relação à Sociedade Disciplinar e ao confinamento como um adestramento ao cotidiano e às rotinas da vida industrial.

**A INTERAÇÃO RITUAL**

Segundo especialistas (Branaman *apud* Nizet e Rigaux, 2016, p. 12), embora Goffman tome as interações sociais como objeto de análise em todos os seus livros, elas são abordadas de diferentes pontos de vista, por meio de metáforas.

E cada livro não faz referência aos outros, “como se a cada vez a pesquisa recomeçasse a partir do nada”. Assim, há trabalhos (referenciados no teatro e nos jogos) que se aproximam mais do “Individualismo metodológico” do interacionismo simbólico, isto é, do idealismo que crê que os agentes criam sua realidade; enquanto os trabalhos da metáfora ritual são mais próximos de Durkheim e das regras sociais, em que as pessoas não têm autonomia individual diante dos mecanismos sociais abstratos.

Ao longo do seu percurso intelectual, Goffman utilizou os termos “fachada”, “face” e “imagem” para caracterizar a experiência de palco. O “*face work*”, ou a “figuração”, significa a relação entre a própria face e a face do outro, a dupla representação da interação é chamada tanto pelo par “amor próprio/consideração”, como também pela oposição entre “porte” e “deferência”, nas obras mais recentes.

Síntese da produção de Erving Goffman.

	LIVROS/ANO (edição original)
METÁFORA TEATRAL	A representação do Eu na vida cotidiana (1956)
	Manicômios, prisões e conventos (1961)
	Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada (1963)
METÁFORA RITUAL	Ritual de interação – Ensaio sobre o comportamento face a face (1967) Relações em público: micro estudos sobre a ordem pública (1971)
METÁFORA LÚDICA	<i>Encounters</i> (1961) <i>Strategic interations</i> (1969)
METÁFORA AUDIOVISUAL	Os quadros da experiência (1974) <i>Forms of talk</i> (1981)

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de Nizet e Rigaux (2016).

Ao chamar as interações sociais de representações teatrais, Goffman está fazendo uso de uma metáfora? Prefiro pensá-las como “categorias descritivas”. Considerá-las como metáforas ou analogias poéticas significa esvaziá-las de seu poder cognitivo. E Goffman descreve as interações a partir da própria experiência e não por meio de um observador externo, como faz a

sociologia objetivista, associando as interações às regras estruturais. Nizet e Rigaux consideram os livros “da metáfora ritual” mais próximos da sociologia holística da tradição de Durkheim. Há inclusive uma demonstração de que Goffman não se considerava parte do interacionalismo simbólico, e de que os membros do movimento também não o consideravam como interacionista (Nizet e Rigaux, 2006, p. 103).

Nizet e Rigaux utilizam essa dupla rejeição como argumento para aproximar Goffman de Durkheim, mas, a verdade é que a análise goffmaniana das interações está mais próxima da sociologia compreensiva de Max Weber do que do objetivismo sociológico das regras estruturais. E, a despeito do que Nizet e Rigaux dizem, a afinidade teórica entre a escola de Chicago e Goffman é inegável.

Talvez o mais adequado seja dizer que ele é a expressão mais sofisticada do interacionismo simbólico – justamente por ter um horizonte mais abrangente das relações sociais, e dos constrangimentos estruturais impostos aos atores que produzem a realidade social. É possível que Nizet e Rigaux tenham razão quando consideram que houve um avanço qualitativo entre os livros mais teatrais e os que entendem as interações como rituais. Porém, ao que parece, eles os autores têm uma visão superficial da mudança (uma troca de metáforas) e simplesmente não entendem a evolução qualitativa do pensamento de Goffman com os trabalhos posteriores sobre a noção de enquadramento.

## A INTERAÇÃO AUDIOVISUAL

O livro *Os quadros da experiência social*, o último de Goffman, tem características bem peculiares em relação aos seus trabalhos anteriores. Não é uma coletânea de artigos e sim um livro contínuo e extenso, em que o autor assimila os elementos dos trabalhos anteriores, de modo diferente. Ao invés de analisar situações reais e fictícias, Goffman utiliza recortes de jornais, peças de publicidade e outros fragmentos da mídia para fazer suas análises.

O próprio conceito de “enquadramento” (*framing temporal*, no gerúndio; e não de um “quadro” instantâneo e estático) é tomado do teórico da comunicação Gregory Bateson, que o utiliza neste contexto de análise específico de como a mídia constrói a realidade social. Ele nos remete a um recorte temporal, em que uma forma de interpretar os acontecimentos é sempre repetida. Goffman define enquadramentos como os princípios de organização que orientam os eventos sociais, a construção de como as pessoas organizam a experiência. São marcos interpretativos mais gerais, construídos socialmente, que permitem às pessoas dar sentido aos eventos e às situações (Porto, 2004).

O conceito de enquadramento passou a ser utilizado por vários autores da área de comunicação para entender como a mídia constrói culturalmente uma imagem da sociedade, destacando alguns elementos da realidade em detrimento de outros. Quais são os critérios de seleção, ênfase e exclusão, não apenas de notícias jornalísticas, mas também das narrativas audiovisuais no campo do entretenimento? Os enquadramentos são estratégias discursivas das instituições que emergem do inconsciente social condicionado pelo mercado, pelo Estado, pela cultura.

Como utilizar o enquadramento como instrumento de investigação empírica da realidade social? Integrando uma extensa análise quantitativa (o tempo e/ou o espaço dedicado a determinados enquadramentos ou temas nas mídias) a uma abordagem qualitativa (interpretação textual). O conceito inspirou várias ferramentas de coleta de dados empíricos dos Estudos da Mídia, ao lado da *Agenda-Setting*, do *Gatekeeper* e do *Newsmaking* (Barreto, 2006).

Para Nizet e Rigaux e os sociólogos clássicos, adeptos das estruturas sociais e das regras que as constituem, os quadros primários equivalem a fatos sociais e os quadros secundários são interpretações (modalizações ou fabricações, caso parte dos participantes não tenha consciência da representação). No entanto, para um olhar mais contemporâneo, é evidente que os quadros primários são os recortes da mídia e os secundários são as formas de reinterpretá-los.

O Quadro ou Enquadramento de Goffman não substitui um fato social objetivo, mas se tornou uma ferramenta crítica para desmascarar o papel político da mídia pela falta de objetividade ou imparcialidade das mensagens. Desmitificado o mito da objetividade, o conceito de enquadramento é hoje instrumento para examinar empiricamente o papel da mídia na construção da hegemonia.

## E A INTERAÇÃO LÚDICA?

Nizet e Rigaux nada nos falam sobre as interações vistas como metáforas dos jogos. Talvez eles suspeitem de que Goffman considere a possibilidade da natureza lúdica das interações. Possivelmente desconfiem de que Goffman entendia a representação como uma atividade cognitiva de si mesmo, e que tenha descoberto que a interação tem um prazer lúdico ainda mais essencial que a dimensão teatral.

Mas, isso jamais saberemos.

## REFERÊNCIAS

BARRETO, Emanuel Francisco Pinto. Teorias do jornalismo. **Revista Cronos**, v. 7, n. 1, p. 201-203, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/3201> . Acesso em: 4 jun. 2024.

NIZET, Jean; RIGAUX, Natalie. **A Sociologia de Erving Goffman**. Tradução Ana Cristina Arantes Nasser. Petrópolis: Vozes, 2016. (Coleção Sociologia: pontos de referência).

PORTO, Mauro. Enquadramentos da mídia e política. *In*: RUBIM, Antonio Albino (org.). **Comunicação e política: conceitos e abordagens**. Salvador: EdUFBa, 2004, p. 73-104.